



OS IMPACTOS DA EPIDEMIA DE COVID-19 NAS ESCOLAS

Adriana Santos Santana da Cruz¹

RESUMO

Neste artigo, busco compreender os impactos da epidemia de Covid-19 na vida cotidiana e no processo de ensino e aprendizagem das pessoas de baixa renda nas cidades de Camaçari e de Lauro de Freitas, região metropolitana de Salvador (Bahia/Brasil). Através da observação, da vivência, da análise de fontes e do referencial teórico procuramos observar as ações dos diversos indivíduos frente aos desafios impostos pela doença, principalmente nos aspectos socioeconômico e educacional. Desde o aparecimento da enfermidade, discussões, ainda que prematuras, já apontavam a agressividade e o impacto dela na vida das populações pobres e periféricas. Passado o momento crítico da epidemia, essas análises se confirmaram, e entender suas causas é imprescindível para tentar amenizar suas consequências na vida do contingente populacional mais atingido – pretos, pobres e periféricos. São as consequências e as respostas dadas por esses sujeitos que procuramos identificar neste trabalho.

Palavras-chave: Epidemia de Covid-19. Cotidiano. Educação Escolar.

ABSTRACT

In this article, I seek to understand the impacts of the Covid-19 epidemic on everyday life and on the teaching and learning process of low-income people in the cities of Camaçari and Lauro de Freitas, metropolitan region of Salvador (Bahia/Brazil). Through observation, experience, analysis of sources and the theoretical framework, we sought to observe the actions of different individuals in the face of the challenges imposed by the disease, mainly in the socioeconomic and educational aspects. Since the onset of the disease, discussions, albeit premature, have already pointed to its aggressiveness and its impact on the lives of poor and peripheral populations. After the critical moment of the epidemic, these analyzes were confirmed, and understanding its causes is essential to try to mitigate its consequences in the lives of the most affected population group – blacks, poor and peripheral populations. It is the consequences and responses given by these subjects that we seek to identify in this work.

Keywords: Covid-19 epidemic. Daily. Schooling.

¹ Doutoranda no Programa de Estudos Étnicos e Africanos (POSAFRO), da Universidade Federal da Bahia. Professora de História da educação básica, no ensino fundamental II, nos municípios de Camaçari, onde atuou desde 2006, e Lauro de Freitas, onde leciono desde 2003. E-mail: anesantana_26@hotmail.com

ARTÍFICES

1. INTRODUÇÃO

O presente artigo tem por objetivo analisar os impactos da epidemia de Covid-19 no cotidiano da população pobre das cidades de Camaçari e de Lauro de Freitas (Bahia/Brasil), principalmente em seus aspectos socioeconômico e educacional. Trata-se de uma análise de cunho autoetnográfico, a partir das observações e das vivências cotidianas experimentadas em decorrência dos trabalhos desenvolvidos nas escolas, em que atuo como professora de História. Fazer parte dos comitês de ensino remoto organizados pelas secretarias de educação desses municípios, no período de distanciamento social me permitiu conhecer de perto a dura realidade da população mais carente num contexto de flagelo proporcionado por uma doença epidêmica.

Foi essa percepção que me instigou a buscar mais informações acerca das epidemias que atingiram a Bahia em outros períodos, na ânsia de entender e de problematizar as ações e reações frente aos desafios impostos por doenças epidêmicas, cuja etiologia permaneceu, por muito tempo, desconhecida. Por isso, em alguns momentos, empenhei-me em estabelecer uma comparação entre o flagelo ocorrido no século XIX – Cólera Morbus – e a Covid-19, que nos atingiu em 2020. A constatação da existência de um cenário de desigualdades sociais e educacionais atrelada à necessidade de conhecer as respostas dadas pela sociedade aos problemas desencadeados pela grave crise na saúde pública do século XIX é a justificativa para a estrutura desse trabalho.

Para isso, é imprescindível entender que estudar epidemia é um exercício de reflexão que não se limita à ação das autoridades políticas ou médicas, a etiologia da doença ou a busca pelo seu tratamento, mas antes de tudo, é perceber como os ritos e ritmos impostos pela moléstia atingiram e ainda atingem a sociedade de maneira desigual. Dessa forma, devemos estar atentos às mensagens ocultas, analisar as entrelinhas dos discursos, reconhecer o silêncio das fontes documentais em relação a determinados sujeitos sociais, buscar o implícito no explícito. Somente através desse exercício, acredito eu, é que poderemos alcançar o objetivo dessa proposta que é dar protagonismo aos sujeitos e não à enfermidade.

ARTÍFICES

Parafraseando Jane Felipe Beltrão, a doença é tomada para fins de exercício acadêmico, como ferramenta de análise social, pois eventos epidêmicos, além de provocar o adoecimento de um número expressivo de pessoas de maneira súbita e explosiva, gera inquietação social, constituindo um recorte privilegiado para a compreensão das diversas expressões sociais. Em síntese, “a enfermidade é um elemento de desorganização e reorganização social que revela a exclusão social”. (BELTRÃO, 2004, P. 50)

2. CHEGADA DA COVID-19 AO BRASIL

A epidemia de Covid-19², que começou na cidade de Wuhan, na China, em dezembro de 2019, chegou ao Brasil em fevereiro de 2020. Aqui, a doença encontrou ambiente propício à sua disseminação, uma vez que parcela significativa da população desacreditava da existência do mal e de sua gravidade, tendo-o reduzido a apenas uma gripezinha.³ Absortos em suas crenças, alimentados por uma rede de desinformação⁴, muitos indivíduos demonstravam desinteresse ou aversão ao tema. Versões, histórias e casos, baseados em especulação, eram, a todo o momento, compartilhados, com o objetivo de tumultuar, gerar a dúvida, criar o caos.

² A epidemia de covid-19 é uma doença respiratória aguda grave, provocada pelo vírus SARS-Cov-2, de origem zoonótica, proveniente do morcego. A Organização Mundial da Saúde (OMS), em 20 de janeiro de 2020, decretou que o surto era uma emergência de saúde pública em âmbito internacional, e como tal deveria ser tratada pelas instituições governamentais.

³ Para mais informações ver: **Primeiro caso confirmado de Covid-19 no Brasil ocorreu em SP e completa seis meses nesta quarta.** Acessível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2020/08/26/primeiro-caso-confirmado-de-covid-19-no-brasil-ocorreu-em-sp-e-completa-seis-meses-nesta-quarta.ghtml>. Publicado em 26/08/2020. Acesso em 22/07/2022. Sobre a origem do Coronavírus ver: **Como surgiu o novo coronavírus? Conheça as teorias mais aceitas sobre sua origem.** Disponível em: <https://butantan.gov.br/covid/butantan-tira-duvida/tira-duvida-noticias/como-surgiu-o-novo-coronavirus-conheca-as-teorias-mais-aceitas-sobre-sua-origem>. Acesso em 18/07/2022. A respeito das atitudes do chefe do executivo brasileiro durante a epidemia de Covid-19 ver: **Relatório da CPI expõe “estratégia macabra” de Bolsonaro na pandemia.** Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/613843-relatorio-da-cpi-expoe-estrategia-macabra-de-bolsonaro-na-pandemia>. Acesso em 02/04/2023.

⁴ Muitas teorias de conspiração e desinformação circularam pelas redes sociais, alegando que o vírus seria uma arma biológica, uma invenção chinesa para dominar o mundo e impor o comunismo. Boatos, invenções, histórias fantasiosas circularam através das redes de Whatsapp, Facebook, Google e Twitter, levando essas empresas a tomarem medidas preventivas e punitivas a fim de evitar a propagação de informações falsas, responsáveis por atrapalhar o combate a propagação do vírus e o controle da doença. Pouco se sabia, mas muito se especulava!

ARTÍFICES

Nesse clima de descrença, questionamento e negacionismo, o primeiro caso confirmado no Brasil foi noticiado. Em 26 de fevereiro de 2020, a veiculação da notícia nos principais jornais correu o país, gerando preocupação e pânico entre alguns brasileiros. O paciente zero, como foi chamado, era um homem de 62 anos de idade, morador do estado de São Paulo, recém-chegado da Itália (PINHEIRO, 2021). Pouco tempo depois, a primeira morte registrada ocorreu, também em São Paulo, no dia 12 de março de 2020, tendo como vítima uma mulher, 57 anos de idade, diarista, vítima do contágio local. Além dessa morte, outras foram registradas como primogênicas da Covid-19, como a de Cleonice, empregada doméstica, moradora do Rio de Janeiro, infectada pela patroa, que não a dispensou mesmo após ter confirmada a contaminação pelo vírus.⁵

No Brasil, a primeira vítima fatal da doença foi Cleonice Gonçalves, de 63 anos. Ela contraiu o vírus de sua patroa, que voltava da Itália para o Rio de Janeiro. Gonçalves era mulher, negra, hipertensa, diabética e empregada doméstica.

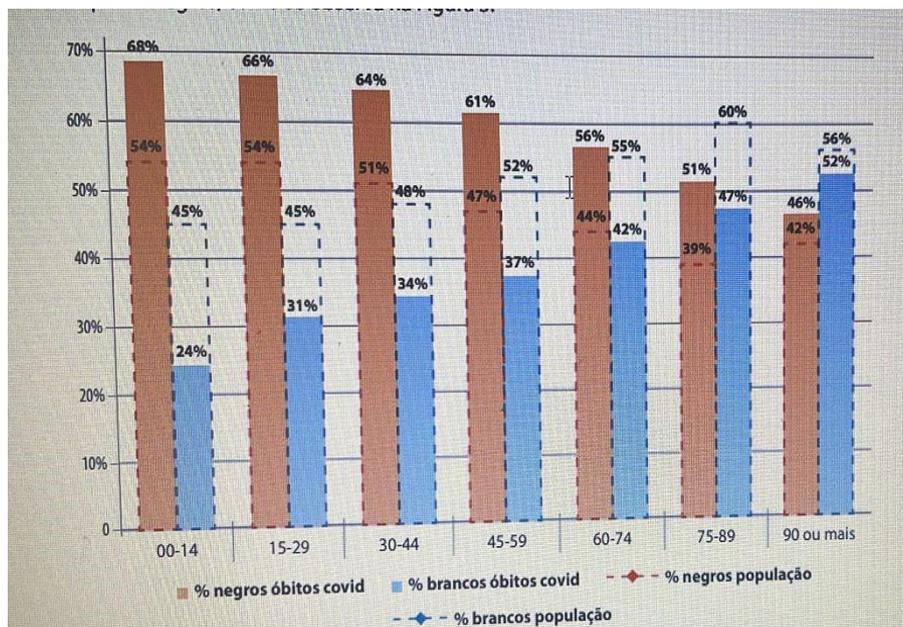
Sua morte ganhou as manchetes de jornais internacionais, como em reportagem da Reuters: “a Brazilian woman caught coronavirus on vacation. Her maid is now dead” (“Uma mulher brasileira pegou coronavírus nas férias. A ‘empregada’ dela agora está morta”, em tradução livre). (EVANDELISTA, S/D)

A comparação entre o primeiro caso confirmado e a primeira morte registrada reafirma e reforça a tese de que, apesar da contaminação acometer diversas pessoas de classes sociais distintas, as vítimas mais fatais e agressivamente atingidas pertenciam às classes menos abastadas. Uma constatação que contradiz a crença de que as epidemias, quando acontecem, não escolhem credo, raça, idade ou classe social. A pandemia de Covid-19, como outras ocorridas ao longo da história, foi mais cruel com as classes pobres, alcançando, em sua maioria, o contingente populacional negro, morador dos bairros periféricos, com baixa escolaridade, acesso limitado a assistência médica e com dificuldades em suprir suas necessidades alimentares básicas. (SAMPAIO, 2021)

⁵ **Primeira morte por Covid-19 nos país ocorreu em 12 de março em SP, diz ministério.** Acessível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/saude/primeira-morte-por-covid-19-no-pais-ocorreu-em-12-de-marco-em-sp-diz-ministerio>. Postado em 27 de junho de 2020, atualizado em 23 de junho de 2020. Acesso em 07 de abril de 2023. Ver também: **Relembrar para não esquecer: Primeira vítima da Covid-19 no Brasil foi uma empregada doméstica.** Disponível em: <https://camtra.org.br/relembrar-para-nao-esquecer-primeira-vitima-da-covid-19-no-brasil-foi-uma-empregada-domestica/>. Postado em 26 de fevereiro de 2021. Acesso em 07 de abril de 2023.

ARTÍFICES

Brasil: sub-representação de brancos e sobrerrepresentação (sic) de negros nos óbitos por Covid-19 por faixa etária⁶



Apesar de a tabela apresentar o panorama em nível de Brasil, essa realidade também é encontrada em Salvador, onde a maioria das vítimas da Covid-19 estão concentradas nas regiões mais carentes da cidade, confirmando a vulnerabilidade social, econômica e sanitária da população negra. Portanto, não podemos desvincular a condição socioeconômica do perfil racial dos indivíduos, uma vez que os negros formam maioria nos substratos mais inferiores da escala social.

É necessário observar com mais atenção, então, a relação das mortes por raça/cor com a faixa etária, para não se ter uma falsa impressão da “democracia” da Covid-19. Dos 100 mil óbitos por Covid-19 cuja raça/cor está identificada na base do Sivep Gripe (de um total de 131 mil), 55% são negros

⁶ Tabela elaborada por Galdino e Pedreira Júnior com base em informações extraídas do Censo Demográfico 2010 e Sistema de Informação de Vigilância da Gripe (Sivep Gripe), 2020. Nela estão compiladas as informações acerca da discrepância em número de mortes decorrentes da Covid-19 entre brancos e negros, mesmo entre idosos, um grupo onde a predominância de pessoas brancas é notória. Fonte: GALINDO, Ernesto Pereira; PEDREIRA JÚNIOR, Jorge Ubirajara. **A cor da moradia: apontamentos sobre raça, habitação e pandemia.** Março, 2021. Disponível em: file:///C:/Users/anesa/Downloads/210304_bapi_26_artigo_8.pdf, pg. 81. Acesso em 07 de abril de 2023.

ARTÍFICES

e 43% são brancos, o que já seria uma desigualdade, visto que, na população (dados do censo de 2010), 51% são negros e 48% são brancos. Entretanto, por ser uma doença com concentrada mortalidade entre os idosos, principalmente os de idade mais avançada, seria de se esperar que houvesse uma proporção maior de brancos indo a óbito, visto que a população idosa era formada em 2010 por 56% de brancos e 42% de negros. Abrindo os dados populacionais e de óbito por Covid-19 por faixa etária e raça/cor, percebe-se que, em todas as faixas etárias, a proporção de negros falecidos por Covid-19 é maior que sua proporção na população, ocorrendo o oposto com os brancos. Essa desigualdade de incidência de óbitos só se torna menos significativa nos idosos avançados (90 anos ou mais) – apenas nessa faixa a propalada “democracia” da Covid-19 aproxima-se da realidade, ainda assim com incidência proporcional à raça/cor pendendo negativamente para os negros. (GALINDO; PEDREIRA JÚNIOR, 2021, p. 80/81)

Esses dados confirmam a desigualdade – de vida, existencial e de recursos - que impera na estrutura socioeconômica e habitacional de Salvador, e que coloca negros e brancos em realidades tão distintas. Uma realidade que perpassa pelas condições de moradia e de acesso a bens e serviços e que determinam a capacidade de sobrevivência do indivíduo, exposto a diferentes contratempos e riscos, incluindo violência e calamidade da saúde pública. Percebe-se ainda que a concentração de moradia da população negra em bairros periféricos, onde a renda é menor aparece como uma característica da ocupação espacial da cidade, é marcadamente desigual social e racialmente. Em suma, a desigualdade social também é racial.

Uma desigualdade que define a perspectiva e a expectativa de vida da população negra, que é bem menor se comparada a do branco. Precoce no que diz respeito a óbitos, os negros são, cotidianamente, atingidos por diferentes mazelas – fome, falta de saneamento básico, violência, precariedade na assistência médica e hospitalar –, sendo os mais sacrificados em períodos de flagelos epidêmicos.

3. COR E CLASSE, AS VÍTIMAS DAS DOENÇAS EPIDÊMICAS

A incerteza de viver em um contexto epidêmico fez com que muitos médicos, cientistas e pesquisadores se debruçassem sobre os estudos que analisaram os surtos e flagelos que atingiram o Brasil nos séculos XIX e XX. Empenhados em achar respostas para diferentes questões, esses estudiosos se depararam com uma realidade assustadora, ao mesmo tempo, envolvente: elevado número de óbitos em curto espaço de tempo,

ARTÍFICES

quadro de desolação e de desespero, migração em massa, crise econômica, colapso no sistema de saúde pública, desconhecimento da etiologia da doença, falta de medicamento e de vacina, precariedade no saneamento básico e ausência de esgotamento sanitário, deficiência de leitos hospitalares, disponibilidade irregular e redução de cemitérios foram alguns dos cenários encontrados. Apesar de todas as mazelas vivenciadas por essas populações, não foi somente isso que descobriram: viu-se o surgimento de redes de apoio e de solidariedade; doação de dinheiro e de imóveis para instalações hospitalares; oferta de trabalho voluntário e ação dos poderes públicos nos socorros aos mais vulneráveis (mesmo que insuficiente).⁷

Essas percepções são, na verdade, temáticas recém incorporadas pelos pesquisadores, que, revisando o processo de produção acadêmica, perceberam as limitações dos estudos existentes, hegemonicamente, focados na doença e na ação de médicos e de autoridades públicas. Novas análises foram feitas a partir das experiências dos sujeitos sociais excluídos e/ou silenciados pelos documentos oficiais: os que não apenas morreram do mal, mas que agiram e reagiram às circunstâncias impostas pelas epidemias (Beltrão, 2004, p. 36). Os mortos, os doentes e suas redes de convivência e de apoio passaram a ser perseguidos pelos pesquisadores, interessados em descortinar as experiências de quem vivenciou uma calamidade pestilenta. A renovação proveniente desse novo olhar ampliou e diversificou a bibliografia dedicada ao tema, com enfoque em outros atores sociais – o povo simples, que sai às ruas em busca do sustento diário, e é excluído das discussões políticas –, sendo apenas seu principal alvo.

A renovação dos estudos possibilitou a reflexão crítica e o refinamento das análises até então realizadas. As epidemias foram eleitas, pelos historiadores sociais, como cinzel predileto na compreensão da experiência dos trabalhadores, excluídos das decisões políticas e sofrendo quotidianamente o peso da depopulação intensa e dramática das visitas pestilentas. (Beltrão, 2004, p. 45).

⁷ Foi a partir da experiência de testemunhar uma epidemia que elaborei meu projeto de doutoramento. Durante as pesquisas no Arquivo Público do Estado da Bahia, tive acesso à informação de que muitos médicos ligaram a procura de obras que retratassem outras experiências epidêmicas no Estado.

ARTÍFICES

São os trabalhadores, as pessoas comuns, que mais sentem os reflexos de um evento epidêmico, pois são os mais sacrificados e expostos. Não podem fugir, como fazem os ricos; são isolados ou abandonados, quando contaminados; sofrem com o medo do desemprego e o fantasma da fome durante todo o período de vigência do flagelo. Foi assim no século XIX e permaneceu assim no século XXI. Moradores de bairros afastados, desassistidos pelos poderes públicos, com saneamento básico precário ou inexistente e residentes em ambientes insalubres, esses indivíduos não tinham opção além de sobreviver.

Por isso, criar estratégias de sobrevivência foi a única alternativa possível aos estratos subalternos da sociedade. Foram muitos os momentos em que esses grupos se insurgiram, pois “não raramente os eventos epidêmicos são acompanhados de revoltas e rebeliões dado o cerceamento das atividades rotineiras da população atingida pelo flagelo” (Beltrão, 2004, p. 47). Uma reação prevista pelas autoridades, que disponibilizava, mesmo que precariamente, socorros públicos às classes pobres, consideradas, por muitos, como potencialmente perigosas.

[...] os pobres carregam vícios, os vícios produzem os malfeitores, os malfeitores são perigosos à sociedade; juntando os extremos da cadeia, temos a noção de que os pobres são, por definição, perigosos. [...] “as classes pobres [...] são [as] que se designam mais propriamente sob o título de – classes perigosas – [...]”. (CHALHOUB, 1996, p. 22)

O medo do descontrole social era recorrente entre os políticos e a elite econômica, por isso elaboravam estratégias de controle e disciplina⁸ da população, que variava desde a obrigatoriedade do trabalho e a criminalização da ociosidade até a segregação em territórios mais afastados. Em períodos de pestes, esse medo se intensificava, também por isso, não era incomum que grupos abastados e lideranças políticas criassem redes de solidariedade e socorro aos mais pobres.

A vitimização e a marginalização de pobres e pretos em momentos de epidemias não são incomuns na história. Olhar para o passado nos mostra como essas pessoas reagiram e resistiram à doença, bem como às medidas de controle, de prevenção e de

⁸ Para maiores informações sobre as estratégias de poder do Estado sobre a população ver FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Petrópolis: Vozes, 1987.

ARTÍFICES

tratamento utilizadas em cada evento. Como ocorreu durante o ápice da epidemia de Covid-19, negros e pobres foram atingidos com mais intensidade durante os eventos do século XIX, também, devido a fatores socioeconômicos, uma vez que não se isolavam, ao contrário, era a mão de obra utilizada em todos os campos de serviços ofertados, tanto por particulares quanto pelo Estado, por isso estavam mais sujeitos à doença.

Em suma, as doenças atingem, em graus distintos, as diferentes camadas sociais, sendo os mais pobres os que mais, facilmente, sucumbem às enfermidades, uma vez que são mais expostos aos riscos. Além disso, vários outros fatores podem ser apontados, como comorbidades, ocupação funcional, moradia e alimentação. Ou seja, o maior número de mortos pertence a uma parcela da população que não vive em ambiente adequado com higiene, ventilação e salubridade. Aqui notamos a semelhança entre os surtos epidêmicos, pois, assim como ocorrido no século XIX, as maiores vítimas do Covid-19 pertenciam às classes pobres e desempenhavam funções ditas essenciais, além de compartilharem de uma realidade comum de insegurança alimentar, de ambientes insalubres e mal ventilados, de higiene pública precária e de aglomeração. Como afirma Guimarães:

[...] Se no Brasil do século XIX as principais vítimas das epidemias e pandemias foram os escravizados e o pobres das cidades e do campo; hoje, os mais vulneráveis à pandemia de Covid-19 são os seus herdeiros históricos: os favelados, os presidiários e a população em situação de rua. (GUIMARÃES, 2020, p. 103)

Portanto, podemos dizer que os brancos abastados trouxeram o vírus, mas foram os seus prestadores de serviços que primeiro sucumbiram. Diaristas, faxineiras, cozinheiras, motoristas, empregadas domésticas, zeladores, porteiros e demais trabalhadores (domésticos, informais, braçais)⁹, que, sem sair do país, foram expostos e

⁹ Sobre trabalhadores domésticos e seus direitos ver: ROXO, Tatiana Bhering Serradas Bon de Sousa; SALVIO, Vitória Aparecida Pereira. D21 05 - A desigualdade dos direitos domésticos em relação aos demais trabalhadores regidos pela consolidação das leis trabalhistas. **Revista eletrônica de direito do Centro Universitário Newton Paiva**. S/D. Disponível em: <https://revistas.newtonpaiva.br/redcunp/d21-05-a-desigualdade-dos-direitos-dos-empregados-domesticos-em-relacao-aos-demais-trabalhadores-regidos-pela-consolidacao-das-leis-do-trabalho/>. Acesso: 16 abr. 2023. Ver também: MACHADO, Ralph. SEABRA, Roberto (ed.) Pandemia torna mais vulneráveis trabalhadoras domésticas, concluem debatedores. Deputadas defendem vacinação imediata da categoria. **Câmara dos Deputados**. Publicado

ARTÍFICES

contaminados pelo vírus, transportando-o por diferentes lugares e, principalmente, para dentro de suas comunidades e de seus lares, e sem acesso aos cuidados necessários (muitos) não resistiram à doença.

Uma doença epidêmica pode não escolher classe social ou cor para atingir, mas ela não afeta a todos da mesma maneira. É certo que se o novo vírus teve por porta de entrada no país as camadas mais ricas, a fatalidade será ainda maior para quem não tem acesso à moradia, à água e ao esgoto para todos os que precisam enfrentar horas em transportes coletivos para trabalhar. Os novos vulneráveis, além dos idosos e dos portadores de comorbidades, são, em proporções catastróficas, os que dependem de empregos precarizados, os que fazem serviço de entrega por aplicativo, os moradores de regiões sem saneamento – problema que atinge metade da população brasileira -, e todos aqueles que não terão condições de realizar o distanciamento social agora exigido. A parcela majoritária deles é de afrodescendentes. (KODAMA; PIMENTA, 2020)

Uma realidade que reverberou também dentro do espaço escolar, uma vez que os alunos das escolas públicas são os filhos quando não os próprios trabalhadores dos setores subordinados e precarizados, que saem em busca da alimentação e da sobrevivência diária. Além disso, são eles que recorrem aos serviços de assistência e proteção do Estado, em quase todos os momentos da vida, desde socorro em caso de emergência de saúde até ajuda financeira em períodos de crise econômica, como o provocado pelo surto de Covid-19. Portanto, em sua maioria, nossos alunos foram os mais sacrificados e expostos aos riscos da doença. Dessa forma, desestimulados e cansados de uma rotina, que se tornou desgastante e sufocante, muitos desistiram da escola, simplesmente, desaparecendo do espaço escolar remoto. Os reflexos disso estão sendo sentidos nessa retomada das atividades presenciais, onde, nós professores, estamos nos deparando com uma realidade peculiar e com a qual ainda estamos nos adaptando.

em 10 de maio de 2021. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/noticias/757326-pandemia-torna-mais-vulneraveis-trabalhadoras-domesticas-concluem-debatedores/>. Acesso em: 16 abr. 2023.

ARTÍFICES

4. OS REFLEXOS DA PANDEMIA NA EDUCAÇÃO

Vimos que o ano de 2020 foi marcado pela chegada da pandemia de corona vírus em nosso país. Frente a todos os contratempos relativos à saúde pública, os órgãos estatais foram obrigados a fazer valer decretos de distanciamento social, o que acarretou o encerramento e o fechamento de todas as atividades e as instituições consideradas não essenciais, dentre as quais estavam as escolas.

O fechamento das escolas não configurou encerramento das atividades letivas, mas uma adequação ao exigido pelo momento pandêmico. Professores, pais e alunos foram convocados a participar de um processo de ensino e de aprendizagem intermediado pela tecnologia – o ensino remoto. Tendo que lidar com fatores internos e externos como medo, pânico, surpresa, resistência às tecnologias, desconhecimento das máquinas e da linguagem técnica, tivemos que aprender e praticar, ao mesmo tempo, uma vez que o processo de ensino e de aprendizagem precisava continuar.

Uma continuidade publicada e estruturada pelos municípios em seus respectivos diários oficiais, como Camaçari (Bahia), que, em 03 de setembro de 2020, publicou a instrução normativa de número 02, através da qual definiu a regulamentação do regime especial das atividades pedagógicas remotas diferenciadas, com o objetivo de reorganizar e de fazer cumprir o calendário escolar. Denominado como “Mais e melhor educação: em casa e as atividades pedagógicas remotas”, o plano de trabalho estabelecia em seu texto aquilo que poderia e o que deveria ser feito para a manutenção do processo de ensino e de aprendizagem, de modo a garantir a continuidade do processo educacional para os alunos do município, que abrange da educação infantil aos anos finais do ensino fundamental.

Para isso, uma série de ações foi sugerida, como a elaboração e publicação de trilhas pedagógicas (conjunto integrado, sistemático e contínuo de atividades e seleção de conteúdos digitais, destinados ao desenvolvimento dos objetivos de aprendizagem e de habilidades dos estudantes) disponibilizadas no site da Secretaria de Educação do município, cujo objetivo era manter o processo de aprendizagem, de modo a garantir o acesso do aluno ao conhecimento escolar, como definido pela Base Nacional Comum

ARTÍFICES

Curricular (BNCC). Uma adaptação que exigia a utilização de mecanismos alternativos na estruturação do trabalho remoto, ou seja, a construção e a elaboração de atividades educativas e lúdicas, baseadas na BNCC, que preservasse o processo de ensino e, ao mesmo tempo, respeitasse os decretos e orientações de distanciamento social.

As atividades deveriam envolver os alunos e seus familiares, com orientação e assistência dos professores, fosse através da internet ou não. Em suma, para o trabalho fluir, era necessário que ocorresse a interação entre alunos, familiares e professores – comunidade e escola –, no intuito de garantir e de preservar uma rotina pedagógica, que fosse eficiente na manutenção da aprendizagem. Isso foi estabelecido pelo capítulo 1, artigo 2, da instrução normativa, ao afirmar que:

Tais atividades devem envolver a manutenção do vínculo entre a família, o estudante e a Unidade Escolar e devem garantir rotinas pedagógicas que assegurem o direito de aprendizagem. Parágrafo único. As metodologias desenvolvidas por meio de atividades pedagógicas remotas são aquelas realizadas pelo professor, considerando os saberes e conhecimentos, os componentes curriculares, as possibilidades de interação com a criança/estudante para mediação e orientação das atividades impressas (atividades de estímulo ao desenvolvimento, estudos dirigidos ou roteiros, indicação de leituras, projetos, pesquisas e exercícios para realização nos materiais didáticos), e por meios digitais (quizzes, plataformas virtuais, correio eletrônico, blogs, redes sociais, chats, fóruns, videoaulas, chamadas de vídeo e áudio e outras assemelhadas), bem como de orientação aos pais ou responsáveis legais, para o desenvolvimento das atividades com as crianças/estudantes em casa. (Diário Oficial Prefeitura Municipal de Camaçari, 2020)

A fim de fazer prevalecer essa determinação, o artigo 4 do decreto municipal estabelecia que, ainda que o responsável legal pelo aluno não comparecesse, a escola deveria procurá-lo, através de uma busca ativa que deveria ser realizada pelos gestores escolares e pelo conselho tutelar, de modo a resguardar os interesses da criança e do adolescente. Além da elaboração das atividades pedagógicas, foram distribuídos materiais escolares, livros e fardas. Ainda entendendo a dinâmica econômica do país num período pandêmico, houve a distribuição de um vale merenda, no valor de quarenta e cinco reais, que deveria suprir as necessidades alimentícias dos estudantes.

No município de Lauro de Freitas (Bahia), também houve mobilização e preocupação do professorado em preservar a continuidade do processo de ensino e de

ARTÍFICES

aprendizagem, com o suporte da Secretaria Municipal de Educação (SEMED). As ações envolviam entrega de materiais impressos, distribuição de alimentos, uso de diferentes plataformas e concessão de tabletes com chip para acesso à internet.

Além das aulas *on-line* previstas em comum acordo no Currículo Emergencial, a SEMED investiu na contratação de espaço na TV Kirimurê para que conteúdos educativos alcançassem o maior número possível de estudantes, ciente de que muitos têm dificuldades de acesso à internet. (VQV Notícias. Carta da Semed aos estudantes, familiares e a toda comunidade escolar, 2021)

Como um suporte a proposta educacional implementada pela TV Kirimurê, a prefeitura de Lauro de Freitas contratou a plataforma Davi, com o objetivo de dinamizar ainda mais a educação no período de pandemia.

Mais do que propor uma educação mediada pelas mídias ou midiática, propomos que sejam adotadas Metodologias Ativas enriquecidas pelas ferramentas e práticas tecnológicas, sendo necessário, para isso, repensar Estratégias de Aprendizagem Remota que envolvam o professor na criação de propostas de ensino e de aprendizagem a fim de produzir autonomia para os educandos e integre pais, mães e demais responsáveis no processo de articulação dos saberes. (Coordenação de Educação Básica. Currículo Emergencial: rede municipal de ensino de Lauro de Freitas- BA, 2020)

Em 27 de novembro de 2020, o Conselho Municipal de Educação de Lauro de Freitas publicou a resolução de número 4, com o intuito de reorganizar o calendário escolar e estabelecer os procedimentos para a integralização da carga horária, flexibilizada em decorrência da epidemia. A normalização das ações seria necessária para unificar e regulamentar o trabalho desenvolvido pelos professores do município no ano letivo de 2020.

Portanto, enquanto professores, tivemos que nos adaptar em tempo recorde ao ensino remoto, mesmo desconhecendo completamente sua estrutura e funcionamento. Trabalhamos excessivamente para adequar as nossas aulas às mídias digitais; elaborar materiais didáticos específicos e condizentes com o nível de aprendizagem das turmas; gravar aulas, mesmo os mais resistentes à tela ou os mais tímidos; ter disponibilidade para atender e lecionar por vídeo chamada, whatsapp, zoom e google meet. Em síntese, buscamos entender a realidade de nossos alunos, que é diversa e plural, como a sociedade

ARTÍFICES

brasileira, a fim de adequar nossa forma de trabalho de modo a alcançar o maior número possível de estudantes; alguns com acesso a todos os aparatos tecnológicos, outros, não.

Quando consideramos a faixa de 6 a 15 anos, o que vimos em 2020 foi, nas escolas públicas, um tempo médio de aula de 2 horas e 18 minutos. Nas escolas particulares, esse tempo foi de 3 horas e 6 minutos. [...] E que os alunos mais pobres são 633% mais afetados pela falta de oferta de atividades escolares que os alunos mais ricos.

Durante a pandemia, para os mais pobres, o acesso à educação foi prejudicado também pela falta de acesso à internet ou pela necessidade de alguns alunos ajudarem no sustento de casa. (SAMPAIO, 2021)

Componente importante da sociedade civil e espaço de controle do Estado, as escolas refletem as intempéries que abalam a estrutura social, inclusive em tempos de flagelo. Dessa forma, espaço de ação política, de transações econômicas e de trocas culturais, a escola é reflexo de todos os eventos ocorridos fora de seus limites. Por isso, é preciso entender que o agravamento da crise econômica impulsionou a evasão escolar, uma vez que muitos estudantes tiveram que trabalhar para ajudar os pais a levar alimentação para casa. Contribuir para o provimento de um lar já tão fragilizado se tornou a principal preocupação de quase todos os moradores das regiões periféricas. Logicamente, isso irá comprometer a formação escolar do indivíduo, como também a escola, que se vê colocada diante de outro dilema: fechamento de turmas, de turnos, quando não da própria unidade de ensino.

O encerramento das atividades escolares teve um impacto muito maior entre as crianças provenientes de famílias desfavorecidas, não só pela interrupção do processo de aprendizagem, como também pela quebra no processo de sociabilidade e queda na qualidade alimentar e quantidade de refeições diárias. Além da educação, a nutrição foi comprometida entre nossos estudantes, que retornaram às salas de aula mais debilitados e fragilizados em muitos aspectos.

A pandemia de Covid-19 escancarou uma realidade educacional que já era conhecida. Essa realidade mostrou-se extremamente cruel e desumana, pois, além de acentuar a desigualdade, fez com que muitas famílias, que já passavam privações, economizassem ainda mais para a aquisição de equipamentos, ainda que rudimentares, para acessar as aulas remotas. Outros sequer conseguiram. Há que se considerar ainda aquelas crianças que recebiam a alimentação na escola e, de uma hora para outra, perderam o benefício. (TREZZI, 2021, p. 11)

ARTÍFICES

O impacto da epidemia de Covid-19 na Educação de Jovens e Adultos (EJA) não foi diferente. Muitos abandonos provocados pelos mesmos fatores, incluindo a perda do trabalho, o que levou os estudantes da EJA a aproveitarem as oportunidades surgidas – “os bicos” –, para garantir o mínimo de sustento possível. Atrelado a isso, está a carga de cobrança e de responsabilidade com a organização e a manutenção do lar. São pessoas que dividem as responsabilidades domésticas com os mais velhos, entrando precocemente na vida adulta. Muitos já são pais de família e precisam garantir o sustento de seus filhos.

Um estudo realizado pelo Instituto de Estudos para Políticas de Saúde apontou os efeitos da epidemia no Brasil e como acentuou a desigualdade social, confirmando que as classes menos favorecidas foram as mais afetadas, não só entre contaminados, como entre os mortos. Ao abordar o reflexo da epidemia na educação, Marcelo Neri, diretor da FGV social, apontou aquilo que considerou como sendo questões problemáticas provocadas pela epidemia na vida dos jovens provenientes de famílias mais vulneráveis. Em sua análise, ele afirma que a Covid-19 trará consequências futuras, que, a curto e longo prazo, acentuará ainda mais as desigualdades no país, tanto em relação ao trabalho como em relação à educação. (SAMPAIO, 2021)

Ao mesmo tempo, os jovens vêm enfrentando outro desafio, que é a inserção no mercado de trabalho. “Durante a pandemia, realizar a ascensão trabalhista foi muito difícil e essa perda não é recuperada rapidamente”. Por conta disso, ele fala em uma geração COVID, marcada pelo que se define como “efeito cicatriz”, ou seja, de caráter permanente. “Para os mais novos, pouca ênfase na educação; para os jovens, desafios educacionais e trabalhistas. (SAMPAIO, 2021)

Diante de tantos fatores socioeconômicos, o ensino ficou restrito a poucos estudantes em condições de aprender e o resultado disso é o que estamos vendo com o retorno ao ensino presencial, em que várias questões, múltiplas situações e contratempos estão aparecendo. Descobrimos a dimensão do problema e estamos tentando, a todo custo, nos adaptarmos para poder contorná-lo.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

ARTÍFICES

Através desse artigo, busquei fazer uma análise da epidemia de Covid-19 no Brasil, desde a sua chegada, trazida pelo grupo social mais abastado, mas que atingiu com maior agressividade os menos favorecidos – pretos, pobres, periféricos. Para uma melhor compreensão e historicização das doenças, optei por discorrer, de modo comparativo, sobre a epidemia de cólera-morbo ocorrida no século XIX, apontando alguns aspectos das realidades cotidianas das populações mais pobres e marginalizadas em ocasiões de crises sanitárias, confirmando que as principais vítimas são oriundas dos grupos sociais mais vulneráveis.

Feito isso, chegamos ao proposto neste artigo que era analisar os impactos da epidemia na educação. Para tanto, mostramos as adequações feitas pelas unidades educacionais, a fim de preservar o processo de ensino e de aprendizagem ao mesmo tempo em que apontamos os principais impactos da epidemia no processo educacional, onde, novamente, os mais atingidos, foram e são os alunos de escola pública, provenientes de famílias que habitam regiões periféricas, duramente atingidos, física e economicamente, pela crise epidêmica.

Por fim, é necessário ressaltar que esse texto é proveniente não somente das leituras feitas, mas principalmente, das observações empíricas, realizadas nos municípios onde desenvolvo a atividade docente e nos quais participei intensamente do processo de ensino e de aprendizagem durante o ápice do surto epidêmico. Eis o resultado das minhas itinerâncias escolares durante a epidemia de Covid-19.

ARTÍFICES

6. REFERÊNCIAS

Livros

- BELTRÃO, Jane Felipe. **Cólera, o flagelo do Belém do Grão-Pará**. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi; Universidade Federal do Pará, 2004. 354p.
- CHALHOUB, Sidney. **Cidade febril: cortiços e epidemias na corte imperial**. São Paulo: Cia das Letras, 1996. 250p.
- DAVID, Onildo Reis. **O inimigo invisível: epidemia na Bahia no século XIX**. Salvador: EDUFBA/Sarah Letras, 1996. 156p.
- FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Petrópolis: Vozes, 1987. 288p.
- , **Nascimento da biopolítica: curso dado no Collège de France (1978-1979)**. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2022. 480p

Capítulo de livro

- GUIMARÃES, Eliane Silva. As pandemias e as populações invisíveis: do Brasil do século XIX ao Brasil do Covid-19. In: ALMICO, Rita de Cássia da Silva; GOODWIN JÚNIOR, James William; SARAIVA, Luís Fernando. **Na saúde e na doença: história, crises e epidemias: reflexões da história econômica na época da Covid-19**. Rio de Janeiro: HUCITEC, 2020. P. 98-106

Periódico / Jornal

- BARATA, Rita de Cássia Barradas. Epidemias. **Cadernos de Saúde Pública**, RJ. 3 (1): 9-15, jan./fev., 1987, p. 9-15. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/csp/a/Jtx7CpBq6w7sxtzjmkLhcWS/?format=pdf&lang=pt>>, acesso: 10 abr. 2023.
- BELTRÃO, Jane Felipe. Cólera e gentes de cores ou o acesso aos socorros públicos no século XIX. **PHYSIS: Rev. Saúde Coletiva**. Rio de Janeiro, 14 (2), 2004, p. 257 – 282. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/physis/a/pwfJtqZnSb5JcSgJmDQyR8P/?format=pdf&lang=pt>>, acesso: 10 abr. 2023.
- BOTELHO, Andressa Cabral. Novo coronavírus afeta classes sociais de maneiras distintas. **Redes da maré. Maré de notícias online**. Publicado em 28 de maio de 2020. Disponível em: <<https://mareonline.com.br/novo-coronavirus-afeta-classes-sociais-de-maneiras-distintas/>>, acesso: 20 jul. 2022.
- FARIAS, Rosilene Gomes. Pai Manoel, o curandeiro africano, e a medicina no Pernambuco Imperial. **História, ciências, Saúde**. Manguinhos, Rio de Janeiro, v. 19, supl., dez. 2012, p. 215-231. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/hcsm/a/vhzbMdjms6VrPJR6hw9LYQp/?format=pdf&lang=pt>>, acesso: 10 abr. 2023.
- FIDELIS, Guilherme Eller; SANTOS, Matheus Barros; BORGES; Sérgio Louro. Os impactos da pandemia nas classes D e E. GT1. Vulnerabilidade social: pobreza e desigualdade. **Carta Capital**. 2020. Disponível em: <<https://www2.ufjf.br/noticias/wp-content/uploads/sites/2/2020/11/relatorio.pdf>>, acesso em 22 jul. 2022.

ARTÍFICES

GALINDO, Ernesto Pereira; PEDREIRA JÚNIOR, Jorge Ubirajara **A cor da moradia: apontamentos sobre raça, habitação e pandemia**. Março, 2021. Disponível em: <file:///C:/Users/anesa/Downloads/210304_bapi_26_artigo_8.pdf>, acesso: 07 abr. 2023.

KODAMA, Kaori. Mortalidade escrava durante a epidemia de cólera no Rio de Janeiro (1855-1856). **História, Ciências, Saúde**. Manguinhos, Rio de Janeiro. V.19, supl., dez. 2012, p. 59-79. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/hcsm/a/96rxHDChJMH3gRXWzQZQLXD/?format=pdf&lang=pt>>, acesso: 10 abr. 2023.

KODAMA, Kaori; PIMENTA, Tânia Salgado. Condições de vida e vulnerabilidade nas epidemias: do cólera no século 19 à Covid-19. **Fiocruz**. Publicado em 19 de maio 2020. Disponível em: <<https://coc.fiocruz.br/index.php/pt/todas-as-noticias/1794-condicoes-de-vida-e-vulnerabilidades-nas-epidemias-do-colera-no-seculo-19-a-covid-19.html>>, acesso: 25 mai. 2022.

MARIANO, Serioja Rodrigues Cordeiro; SILVA, Wuendisy Fortunato da. “Sublimes virtudes em crise epidêmica”: a epidemia de cólera na Paraíba e o discurso médico em instruções sanitárias populares de Antônio da Cruz Cordeiro (1862). **XVII Encontro Estadual de História – ANPUH-PB**. Paraíba, v. 17, n. 1, 2016, p. 843-853. Disponível em: <<http://www.ufpb.br/evento/index.php/xviiieh/xviiieh/paper/viewFile/3184/2657>>, acesso: 10 abr. 2023.

PINHEIRO, Chloé. Grande estudo mostra como o coronavírus chegou e se espalhou pelo Brasil. **Veja Saúde**. Atualizado em 23 fev 2021, 18h15 - Publicado em 3 ago 2020, 19h23. <<https://saude.abril.com.br/medicina/grande-estudo-mostra-como-o-coronavirus-chegou-e-se-espalhou-pelo-brasil/>>, acesso: 18 jul. 2022.

ROXO, Tatiana Bhering Serradas Bon de Sousa; SALVIO, Vitória Aparecida Pereira. D21 05 - A desigualdade dos direitos domésticos em relação aos demais trabalhadores regidos pela consolidação das leis trabalhistas. **Revista eletrônica de direito do Centro Universitário Newton Paiva**. S/D. Disponível em: <<https://revistas.newtonpaiva.br/redcunp/d21-05-a-desigualdade-dos-direitos-dos-empregados-domesticos-em-relacao-aos-demais-trabalhadores-regidos-pela-consolidacao-das-leis-do-trabalho/>>. Acesso: 16 abr. 2023.

SAMPAIO, João Luiz. **Meio milhão de mortes por Covid carrega marca as desigualdades no Brasil**. CNN Brasil. Publicado em 19 de junho de 2021. Disponível em: <<https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/meio-milhao-de-mortes-por-covid-carrega-marca-da-desigualdade-do-brasil/>>, acesso: 20 jul. 2022.

STRUCK, Jean-Philip; WELLE, Deutsche. Relatório da CPI expõe “estratégia macabra” de Bolsonaro na pandemia. **Instituto Humanitas Unisinos**. Publicado 21 de outubro de 2021. <<https://www.ihu.unisinos.br/categorias/613843-relatorio-da-cpi-expoe-estrategia-macabra-de-bolsonaro-na-pandemia>>, acesso: 02 abr. 2023.

TREZZI, Clóvis. A educação pós-pandemia: uma análise a partir da desigualdade educacional. **Dialogia**. São Paulo, n. 37, p. 1-14, jan./abr. 2021. Disponível em: <<https://doi.org/10.5585/dialogia.n37.18268>>, acesso: 10 abr. 2023.

ARTÍFICES

Pandemia de covid-19. **Wikipédia**. Editado em 05 de julho de 2022. Disponível em: <[https://pt.wikipedia.org/wiki/Pandemia de COVID-19](https://pt.wikipedia.org/wiki/Pandemia_de_COVID-19)>, acesso: 18 jul. 2022.

Primeiro caso confirmado de Covid-19 no Brasil ocorreu em SP e completa seis meses nesta quarta. **G1 Globo.com, São Paulo**. Publicado em 26 de agosto de 2020 Disponível em: <<https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2020/08/26/primeiro-caso-confirmado-de-covid-19-no-brasil-ocorreu-em-sp-e-completa-seis-meses-nesta-quarta.ghtml>>, acesso: 22 jul. 2022.

Primeira morte por Covid-19 nos país ocorreu em 12 de março em SP, diz ministério. **CNN Brasil**. Publicado em 27 de junho de 2020, atualizado em 23 de junho de 2020 Disponível em: <<https://www.cnnbrasil.com.br/saude/primeira-morte-por-covid-19-no-pais-ocorreu-em-12-de-marco-em-sp-diz-ministerio>>, acesso: 07 abr. 2023.

Relembrar para não esquecer: Primeira vítima da Covid-19 no Brasil foi uma empregada doméstica. **CAMTRA – Casa da Mulher Trabalhadora**. Publicado em 26 de fevereiro de 2021. Disponível em: <<https://camtra.org.br/relembrar-para-nao-esquecer-primeira-vitima-da-covid-19-no-brasil-foi-uma-empregada-domestica/>>, acesso: 07 abr. 2023.

Monografias, Dissertações e Teses

GUIMARÃES, Fernanda Pacheco Viana. **Pandemia (Covid-19): Consequências para a saúde mental dos professores**. 2021. 24f. TCC (Graduação em Docência do Ensino Superior) – Instituto Federal Goiano, Campus Ipameri, Goiás, 2021. Disponível em: <[https://repositorio.ifgoiano.edu.br/bitstream/prefix/1859/1/mon_especializa% c3% a7% c 3% a3o_Fernanda% 20Pacheco.pdf](https://repositorio.ifgoiano.edu.br/bitstream/prefix/1859/1/mon_especializa%c3%a7%c3%a3o_Fernanda%20Pacheco.pdf)>, acesso: 26 jul. 2022.

PIRES, Clara Oliveira. **Saúde mental e trabalho do(c)ente: os (as) professores (as) e a pandemia de covid-19**. 36f. TCC (Graduação em Pedagogia) – Faculdade de Educação, Pedagogia, Goiânia, 2021. Disponível em: <[https://repositorio.bc.ufg.br/bitstream/ri/19901/3/TCCG% 20-% 20Pedagogia% 20-% 20Clara% 20Oliveira% 20Pires% 20-% 202021.pdf](https://repositorio.bc.ufg.br/bitstream/ri/19901/3/TCCG%20-%20Pedagogia%20-%20Clara%20Oliveira%20Pires%20-%202021.pdf)>, acesso: 26 jul. 2022.

WITTER, Nikelen Acosta. **Males e epidemias: sofredores, governantes e curadores no sul do Brasil (Rio Grande do Sul, século XIX)**. 2007. 276f. Tese doutorado Universidade Federal Fluminense, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Departamento de História. Disponível em: <https://www.historia.uff.br/stricto/teses/Tese-2007_WITTER_Nikelen-S.pdf>, acesso: 20 jun. 2022.

Instituição Pública

Coordenação de Educação Básica. **Currículo Emergencial: rede municipal de ensino de Lauro de Freitas- BA, 2020**. Disponível em: <[file:///C:/Users/anesa/Downloads/Curri% CC% 81culoemergencialfinal% 20\(1\).pdf](file:///C:/Users/anesa/Downloads/Curri%CC%81culoemergencialfinal%20(1).pdf)>, acesso: 10 abr. 2023.

Diário Oficial Prefeitura Municipal de Camaçari - Ano XVIII - Nº 1495 de 03 de setembro de 2020 - Pagina: 01 de 20.

Diário Oficial do Município. Lauro de Freitas, Ano VIII, nº 1848. Resolução do Conselho Municipal de Educação de Lauro de Freitas. 27 de novembro de 2020, 59. Disponível em: <file:///C:/Users/anesa/Downloads/DOM_27.11.2020_RESOLUCAO-CME-004-DISPOE-SOBRE-OS-PROCEDIMENTOS-PARA-A-INTEGRALIZACAO->

ARTÍFICES

DA-CARGA-HORARIA-MINIMA-E-PARA-A-REORGANIZACAO-DO-CALENDARIO-ESCOLAR-DO-ANO-LETIVO-DE-2020.pdf>, acesso: 10 abr. 2023.

EVANGELISTA, Ana Paula. Negros são os que mais morrem por Covid-19 e os que menos recebem vacinas no Brasil. **FIOCRUZ. Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio**. S/D. Disponível em: <<https://www.epsjv.fiocruz.br/podcast/negros-sao-os-que-mais-morrem-por-covid-19-e-os-que-menos-recebem-vacinas-no-brasil>>, acesso: 07 abr. 2023.

Fundação Oswaldo Cruz. Escola Nacional de Saúde Pública Sérgio Arouca. **Em vez de idade, classe social passa a definir quem morre de covid no país**. Publicado em 12 de maio de 2020. Disponível em: <<https://informe.ensp.fiocruz.br/noticias/48894>>, acesso: 22 jul. 2022.

Instituto Butantan. Portal do Butantan. **Como surgiu o novo coronavírus? Conheça as teorias mais aceitas sobre sua origem**. Governo de Estado de São Paulo. S/D. Disponível em: <<https://butantan.gov.br/covid/butantan-tira-duvida/tira-duvida-noticias/como-surgiu-o-novo-coronavirus-conheca-as-teorias-mais-aceitas-sobre-sua-origem>>, acesso: 18 jul. 2022.

Instituto DataSenado. Senado Federal. **Impactos da pandemia na educação no Brasil**. Publicado em 10 fevereiro 2022. Disponível em: <[https://www12.senado.leg.br/institucional/datasenado/materias/pesquisas/impactos-da-pandemia-na-educacao-no-brasil#:~:text=A%20principal%20percep%C3%A7%C3%A3o%20dos%20participantes,consequ%C3%A4ncias%20graves%20no%20longo%20prazo.&text=A1%C3%A9m%20dos%20preju%C3%ADzos%20no%20ensino,relacionais%20dos%20filhos\(as\)](https://www12.senado.leg.br/institucional/datasenado/materias/pesquisas/impactos-da-pandemia-na-educacao-no-brasil#:~:text=A%20principal%20percep%C3%A7%C3%A3o%20dos%20participantes,consequ%C3%A4ncias%20graves%20no%20longo%20prazo.&text=A1%C3%A9m%20dos%20preju%C3%ADzos%20no%20ensino,relacionais%20dos%20filhos(as))>, acesso: 26 jul. 2022.

MACHADO, Ralph. SEABRA, Roberto (ed.) Pandemia torna mais vulneráveis trabalhadoras domésticas, concluem debatedores. Deputadas defendem vacinação imediata da categoria. **Câmara dos Deputados**. Publicado em 10 de maio de 2021. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/noticias/757326-pandemia-torna-mais-vulneraveis-trabalhadoras-domesticas-concluem-debatedores/>. Acesso em: 16 abr. 2023.

VQV Notícias. **Carta da Semed aos estudantes, familiares e a toda comunidade escolar**. Publicado em 12 de julho de 2021. Disponível em: <<http://www.vqvnoticias.com.br/2021/07/carta-da-semed-aos-estudantes.html>>, acesso: 30 jul. 2022.